

O COTIDIANO DAS ÁGUAS NA TRADIÇÃO QUILOMBOLA DA COMUNIDADE DO RIO BAIXO ITACURUÇÁ- ABAETETUBA, PA

Eliana Pojo¹

Lina Dantas Elias²

Resumo: O artigo propõe caracterizar as atividades produtivas exercidas por habitantes quilombolas e ribeirinhos da comunidade do rio Baixo Itacuruçá-Abaetetuba-PA, cuja reprodução da vida além de situar-se em torno do grupo familiar, combina relações estreitas com a natureza das águas dos rios com base em tradições locais. A pesquisa insere-se na abordagem qualitativa descritiva, com destaque o estudo bibliográfico e o trabalho de campo. A partir da análise dos resultados obtidos, foi possível identificar que o cotidiano das águas é parte constitutiva e imprescindível na construção do gênero de vida do sujeito rural-ribeirinho-quilombola na região tocantina, de modo geral. Dessa forma, por dimensões simbólicas e ações comunitárias de grupo camponês entre outras formas da prática social, a tradição local e quilombola é produzida e vivificada pelo verter das águas, reinventa-se no regime *amazoniágua*, fazendo pulsar a vida social, a economia local e o ciclo produtivo.

Palavras-Chave: Águas; Rural-ribeirinho-quilombola; Saberes.

THE EVERYDAY LIFE OF THE WATERS IN THE TRADITION OF THE QUILOMBOLA COMMUNITY OF RIO LOW ITACURUÇÁ- ABAETETUBA, PA

Abstract: The article proposes to characterize the productive activities developed by quilombolas and riverside populations from Nossa Senhora do Perpétuo Socorro community in the in the low Itacuruçá river Abaetetuba-PA, whose life reproduction is based in family groups, but also combines close relations with the waters nature end the rivers, water holes and igarapés based on local traditions. The methodologic way is inserted in the descriptive qualitative approach and the bibliography and field study, with some families. From the analysis of the results, it was possible to see that the daily of the waters is constitutive and indispensable for the construction of the rural-riverside-quilombola way of life in the Tocantina Region, generally. In this way, scattered in the cabocla language, customs and beliefs, knowledge and sociabilities, conforms conflict and otherness situations. By symbolic dimensions of exchanges and farmer group community actions among others social practices, the quilombola and local tradition is produced and vivified by the pour from the waters, reinvents by the *amazoniágua* regime, making the social life, the local economy and the productive cycle pulsate.

Keywords: Waters; Rural-riverside-quilombola; Knowledge

* Constituiu-se o lócus de pesquisa da tese de uma das autores desse escrito, de título: *Gapuiar* de saberes e de processos educativos e identitários na comunidade do rio Baixo Itacuruçá, Abaetetuba-PA (2017).

¹ Possui Pedagogia, Mestrado em Educação e Doutorado em Ciências Sociais. Atualmente, é professora da Universidade Federal do Pará, no Campus Universitário de Abaetetuba-PA.

² Mestre em Educação pela Universidade Federal do Pará (2008). Atualmente é Professora da UFPA, Campus Universitário de Abaetetuba.

1 Introdução

Na Amazônia paraense há uma relação ser humano e natureza distinta e própria! Especialmente, na cidade de homens fortes e valentes de Abaetetuba-PA, a vida humana atravessa e é atravessada pelas águas, inclusive por moradores da área urbana da cidade e os que residem próximos e às *beiradas* de estradas e ramais³. No entanto, um convívio integrado à dinamicidade das águas é parte fundamental da vida dos habitantes de ilhas⁴, recorte deste escrito. Eles convivem com costumes e uma rotina entrelaçada com os espaços dos rios, das matas, por áreas de várzea e de praia; contextos que apresentam especificidades ambientais e sociais, além da estreita ordem econômica. A exemplo, a imagem abaixo mostra a intimidade do homem com a natureza: em pé; próximo à *beira* do rio Maratauíra e de sua pequena canoa, retirando sua rede de pesca. Ele não desafia a natureza, é integrante dela, pura imagem amazônica paraense.

Foto 01. Pescadores à *beira* do rio Maratauíra/Abaetetuba.



Fonte: Projeto Travessias/GEPSEED/UFPA, 2013.

³ *Beira*, termo adotado neste escrito para referir-se à feira. Nela, estão as feiras do açaí, do peixe e de alimentos. Ela conforma o fluxo entre as ilhas e a *urbis* de Abaetetuba, fazendo-se em uma travessia costumeira. Enquanto, as *beiradas*, é o nome dado às proximidades das estradas, de ramais, de rios e igarapés. Ou, *lá naquela beirada*, refere-se para um conjunto de casas que ficam às margens do rio ou do furo. Faremos destaque a essas e demais categorias e/ou expressões de uso local no texto, em itálico.

⁴ Diegues (1998) fala de ilheidade como parte das representações simbólicas, aquilo que é vivido pelos ilhéus – os moradores. A ilha não se restringe a um espaço contornado por águas, “[...] ligado às várias mitologias do início dos tempos, mas é também um espaço historicamente produzido e continuamente sacralizado por diferentes práticas simbólicas. [...], segundo ciclos e práticas econômicas que se alteram continuamente, ainda que, frequentemente, a um ritmo menos rápido que no continente” (p.108).

O COTIDIANO DAS ÁGUAS NA TRADIÇÃO QUILOMBOLA DA COMUNIDADE DO RIO BAIXO ITACURUÇÁ- ABAETETUBA, PA

Na região amazônica⁵, situada ao norte do território brasileiro os rios são mares por sua extensão, cuja descrição de rio e de mar, escapa à racionalidade geográfica. As pessoas que o margeiam assim também o denominam, pela sua magia, pela sua temporalidade. Inclusive, *Opará*, conforme construção indígena significa rio-mar. Essa natureza biológica e os modos próprios de habitar nessa Amazônia integram um ecossistema estuarino considerado como áreas prioritárias para conservação da biodiversidade na região costeira - região norte, colocada na categoria de área de “extrema importância biológica” (MMA, 2002: 14).

Diegues (2007) discorre sobre a imbricação de povos tradicionais com os recursos e suas significações nas práticas sociais. Afirma o autor que nas sociedades tradicionais, como povos nativos do Brasil, a exemplo de ribeirinhos e quilombolas, a temporalidade e territorialidade das águas têm um sentido muito mais simbólico, tidas como um bem da natureza e um elemento que integra grande parte das ações cotidianas, ao passo que as sociedades urbanas conferem às águas um status de recurso ou bem de consumo.

Ainda, concernente aos sentidos atribuídos às águas, os estudos de Cunha (2000: 15), indicam que⁶:

[...] prenhe de significados, a água é um elemento da vida que a engloba e a evoca sob múltiplos aspectos, materiais e imaginários. Se, por um lado, é condição básica e vital para a reprodução, dependendo dela o organismo humano, por outro, a água se inscreve no domínio do simbólico, enfeixando várias imagens e significados.

Este trabalho pretende expor aspectos sobre as relações entre povos ribeirinhos e quilombolas com as águas, com base em suas tradições locais - as quais são social e politicamente construídas à medida que se processa no cotidiano e nos jeitos do viver por parte do povo e, ao mesmo tempo, apresentam-se marcadas por saberes, memórias, usos e costumes, fazeres, simbologias amazônicas, ritos e rituais. No caso, nossas interlocuções investigativas tem atravessado comunidades situadas em territórios que margeiam entre os rios Arapapu, Arapauzinho, Ipanema, Baixo e Médio Itacuruçá, os igarapés Aricuru e Patauá e o furo do Gaita, nas ilhas de Abaetetuba-PA e, nesse escrito, pontualmente,

⁵ Por Região Amazônica adotamos o conceito clássico referindo-se ao território que abarca os Estados do Acre, Amazonas, Amapá, Pará, Rondônia e Roraima; diferentemente da denominação de Amazônia Legal.

⁶ Trata-se da obra *A imagem das águas*, organizada pelo estudioso Antônio Carlos Diegues.

utilizamo-nos do trabalho de campo realizado na comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro no rio Baixo Itacuruçá.

Uma das características básicas desses povos é o fato de viverem em contextos rural-ribeirinho-quilombola onde a dependência do mundo natural, de integração com seus ciclos e produtos é fundamental para a produção e reprodução da vida material (subsistência) e imaterial (modo de vida e culturas). Uma grande parte deles vive às margens dos rios, no que intitulam: *moramos na beira do rio*⁷.

A *beira* é um símbolo da cidade, sendo, do ponto de vista cultural, uma manifestação popular (inclusive, é parte do roteiro turístico) e, ao mesmo tempo, de intercâmbio relacional (de produção e de pessoas) na construção da identidade local. Por ela veicula um rico arsenal de expressões culturais como as que encontramos também na música, no teatro, na dança e na literatura do lugar. No caso amazônico em estudo, a *beira* e, também, os retiros de farinha, as margens dos rios ou a *cabeça da ponte*, como dizem, são espaços privilegiados de situações/acontecimentos marcantes e de relações comunitárias, de interatividade e de troca, ditadas pelo saber e fazer dos diferentes sujeitos sociais.

Tais mediações com o mundo insular, se manifestam no respeito e no saber lidar com o rio-mar; pela disposição em navegar dia a dia entre furos, igarapés e rios; por possuir conhecimento sobre a ‘essência viva’ das marés vazantes, cheias, de lance, de quebra; por saberem, com precisão, o tempo da maré para navegar em suas embarcações, por saberem das fases da lua e sua relação com o rio-mar, compondo os *saberes das águas*⁸, digno de muita reflexão e admiração, os quais são construídos pelos sujeitos que interagem cotidianamente com as águas. Assim, o movimento e temporalidade das águas ditam entre outros, tradições socioculturais preservada pela perpetuação de costumes, ao longo de séculos e, que ainda hoje são transmitidos pelos mais velhos aos mais novos bem como estão presentes no brincar das crianças, nas práticas laborais, nos usos e formas de locomoção nos espaços etc.

⁷ Próximo dessa forma de dizer, temos o **beira rio**, termo adotado por Velho (1972) na célebre obra “Frentes de expansão e estrutura agrária” e, também, utilizado por Brandão (2013) (grifo nosso).

⁸ Este enfoque é detalhado no escrito das autoras “As águas e os Ribeirinhos – beirando sua cultura e margeando seus saberes”. In: Revista Margens. v. 08, nº 11, p. 176-198, Ago/2014.

O COTIDIANO DAS ÁGUAS NA TRADIÇÃO QUILOMBOLA DA COMUNIDADE DO RIO BAIXO ITACURUÇÁ- ABAETETUBA, PA

O grupo familiar e/ou a vizinhança é também uma característica importante no modo de vida desses povos que produzem para sua subsistência e, o excedente, fazem a travessia diária até *beira* da cidade para comercialização. Tais saberes partilhados entre gerações, na maioria das vezes de forma informal, bem como a transmissão pela oralidade são experiências ancestrais.

A agricultura maciçamente da mandioca, mais o extrativismo vegetal, a produção artesanal com talas e a pesca estão entre as atividades econômicas mais importantes por esses grupos, os quais mantêm relações de maior ou menor intensidade com a *urbis* e, ainda, garantem parte de sua alimentação com produtos de suas terras, das matas, das águas.

A noção de território já é algo de apropriação deles, configurando uma característica que os situa como comunidades tradicionais. São lugares-territórios, ocupados por sujeitos de várias gerações, concebido para além da ideia de extensão territorial e do uso dos recursos naturais nele existentes, tomam a partir de suas construções histórias, sociais e culturais cujas formas dinamizadoras estão por meio de símbolos que representam a ocupação antiga e alicerçada em uma tradição local entrelaçada pela dinamicidade e temporalidade das águas. A exemplo, a lendária história da ilha da pacoca, os retiros e as roças centenárias, o uso social e econômico das *beiradas* e das *beiras*, a travessia constante e rotineira até a *urbis*, as andanças por caminhos *mata a dentro*, na floresta. Em algumas dessas comunidades existem formas de uso comum do território como aquelas existentes entre os ribeirinhos do Combu e os quilombolas do Itacuruçá, em Abaetetuba⁹.

Por se tratar de uma ilha, a forma de acesso mais utilizada se dá por via fluvial, estabelecendo um grau de importância às águas e, os demais elementos os rios, os furos, os igarapés, os poços e suas *ilhargas* desempenham um papel fundamental para a produção e reprodução social daquele modo de vida e, também, para a diversidade cultural da região. Na tradição local desde muito cedo as pessoas lidam com o aprendizado e o uso de embarcações¹⁰, as pessoas vivenciam uma sociabilidade por meio das constantes viagens

⁹ Combu, é uma das dezenas de ilhas pertencente ao município de Belém-PA, situada próxima à área urbana. Nela, habitam povos ribeirinhos que vivem dentre outras atividades, da pesca e do extrativismo vegetal.

¹⁰ São várias as denominações das embarcações: rabudo, rabo azedo, canoa, montaria, lancha, rabudinho, casco, batelão e bajara, sendo que se diferenciam pela arquitetura, tamanho, tipo de motor e seu uso. As rabetas, que são pequenas e motorizadas, cobertas (com toldo) ou não e normalmente de pequeno porte são as mais utilizadas.

pelos rios; as águas servem para saciar, em alguns casos a sede, para o uso doméstico e, também, elas conformam um espaço-tempo de convívio e aprendizado sociocultural.

Esses povos dão valor às águas, aos rios e seus saberes que são distintos e próprios. São saberes sedimentados na subsistência da vida, a exemplo, grande parte dos instrumentos de trabalho advêm, da própria natureza, e criativamente são produzidos por estes sujeitos, como o matapi, a montaria, a peconha.

2 Método de pesquisa

Geertz (1989: 15) defende que o conceito de cultura é semiótico, ou seja, “o homem como um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu [...]”. Nesses termos, o estudo sobre a reprodução da vida com base nos saberes, nos fazeres e em seus aprendizados inscreve-se de algum modo no interior da abordagem etnográfica por pautar-se na subjetividade dos sujeitos, em meio a situações e fatos que se mostram encharcados de significados e relações. Assim, com base neste pressuposto a investigação teve como foco de análise o cotidiano e suas gentes, quando a partir de uma descrição, ensaiamos registrar e interpretar os dados de uma prática artesanal, em uma quase dimensão microscópica e detalhista¹¹.

Como aprendizes de um modo ‘artesanal’ de fazer, não apenas transitamos entre leituras concernentes ao tema como também por uma significativa experiência com o trabalho de campo. Assim, o percurso da pesquisa foi sendo consolidado a partir das contínuas incursões na comunidade, percebendo as diversas recorrências dos discursos e das narrativas dos quilombolas e de ribeirinhos, com o intuito de compreender mais sobre a realidade vivida na região do rio Itacuruçá, possibilitando um maior conhecimento antropológico e educacional deste povo nas dimensões quilombola e dos saberes locais.

O resultado do trabalho etnográfico, cujo material foi realizado em duas fases, durou mais ou menos três anos. A primeira fase foi entre 2012 e 2013, quando realizamos um mapeamento situacional das Comunidades dos rios Baixo Itacuruçá e Arapapuzinho, como

¹¹ Segundo Geertz (1989) elaborar uma etnografia precisa seguir uma descrição densa. De outro modo, significa uma prática de “estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante” (GEERTZ, 1989: 04).

parte integrante do projeto acadêmico, buscando adentrar e compreender as práticas sociais de “povos das águas”, entre coletivos (comunidades) distintos.

Uma segunda fase, já com o lócus da pesquisa definido, ocorreu entre 2015 e 2016. Nesses dois períodos foi possível fazer um levantamento do material documental do lugar, da escola e da Associação¹²; compilar alguns registros históricos encontrados na Paróquia das Ilhas e, principalmente, estabelecer um diálogo com as pessoas.

As travessias, algumas vezes, eram feitas na embarcação que levavam os professores à escola, outras vezes a travessia era feita no *barco de linha* ou, ainda, em algum barco independente. Quando já dentro da comunidade, era preciso pegar outra embarcação para que pudéssemos transitar nas *beiradas* do rio. Por meio das travessias com idas ao lugar, as pessoas foram se colocando mais à vontade nas conversas e, de certa forma, houve um misturar-se no seio do grupo social a partir das interações e diálogos, ensaiando uma prática etnográfica que educa e forma outras percepções.

De forma sucinta, elencamos a seguir as técnicas utilizadas durante os vários momentos do trabalho de campo:

- a. Observação participante na vida social e sócio produtiva, e em diversos outros momentos do cotidiano da comunidade. Aqui interagimos com moradores do lugar e, especialmente, com agricultores, por meio de conversas informais e andanças na comunidade, auxiliando o registro etnográfico sobre a vida local¹³.
- b. Entrevistas com quilombolas representantes de movimentos sociais e outros. Ocorreram de forma individual e/ou em pequenos grupos, especialmente com as(os) agricultoras(es)-lideranças, com os membros da Associação e do Sindicato Rural, com docentes e gestores da escola, e ainda adolescentes-estudantes que ajudavam seus pais no trabalho.
- c. Elaboração de mapas, de esquemas e de croquis de alguns espaços sociais e do trabalho, junto de moradores locais, versando sobre a geografia das águas com os furos e os igarapés do entorno, o calendário agrícola, a paisagem natural do território, entre outras temáticas.

¹² Associação dos Remanescentes de Quilombos das Ilhas de Abaetetuba (ARQUIA).

¹³ No caso dos adultos, houve consenso e consentimento para declaração de seus nomes quando trato das entrevistas.

- d. Acompanhamento dos fazeres-saberes na pesca, nas roças, nos retiros e nos açazais.
- e. Produção em áudio de algumas histórias de vida, relatos sobre os serviços da pesca e do açazal, buscando documentar eventos e cenas da vida cotidiana.

De algum modo, colocamo-nos no remanso das águas e das pessoas, observando a forma de organização social, o significado de ser agricultor(a) e/ou lavrador(a) ‘negro’ e ‘remanescente de quilombos’¹⁴.

3 O remanso das águas no viver de quilombolas e ribeirinhos

O Itacuruçá é um rio comprido, forma um conjunto paisagístico com áreas de terra firme, de várzea, de matas e também com faixas de areia. Partindo de Abaetetuba (da *beira*), leva-se em torno de trinta minutos a uma hora até a comunidade, em um percurso por águas¹⁵.

Uma das distinções da área quilombola é o que chamam de *beira do rio* e de *terra firme*, uma vez que o rio e a mata são espaços referenciais desse grupo rural-quilombola. Tais espaços compõem o cenário que assegura o bem viver deles e sua autonomia no cotidiano. Para Oliveira e Mota Neto (2004: 35), o rio é o “articulador fundamental e imprescindível para a organização e a qualidade de vida e de trabalho nessas comunidades”.

Machado (2005), em seu livro “Glossário abaeteense: palavras e expressões do linguajar regional”, faz menção aos termos: furo como “pequeno canal estreito de um rio que contorna uma ilha e, adiante, reencontra-se com o mesmo rio”. Igarapé: “Pequeno rio. É palavra tupi que, literalmente, significa ‘caminho de canoa’” (MACHADO, 2005: 17-18).

Com base nas travessias realizadas, é possível afirmar que o rio é também cenário de interações positivas entre os moradores, pelo que lhes é comum, daí situar o *beira do rio*. Por ele, é possível perceber um certo cotidiano acontecendo: crianças escovando os dentes e mães lavando roupas na *cabeça das pontes*; embarcações fazendo a travessia até a cidade; pessoas à beira da ponte acompanhando o movimento das embarcações. Ao

¹⁴ Nos termos da legislação pertinente, a Constituição Federal de 1988.

¹⁵ A variação é devido à maré e ao tipo de embarcação. Na comunidade existem pelo menos sete embarcações ou *barcos de linha* (*freteiros*) que realizam viagens, saindo do rio entre 04h até 06 horas e retornando às 11h da beira no valor de R\$5,00. Ressalta-se que também, é possível chegar à comunidade e dela sair pela rodovia PA 151, na altura do Km 16, antes de chegar ao município de Igarapé Miri, percorrendo o ramal Itacuruçá ou Santa Rosa.

entardecer nos trapiches, pessoas põem-se a *iscar*¹⁶ o matapi para a pesca do camarão. O rio se manifesta como uma espécie de linguagem da vida amazônica.

Nas comunidades do rio Itacuruçá, os rios margeiam temporalidades. É costumeiro ouvir das pessoas do lugar: *a gente foi criado n'água* por configurar-se como um sinalizador da vida. São tão fortes na vida da comunidade que é pelo nome deles que a escola e a comunidade quase sempre são identificadas, ou seja, os nomes pelos quais a comunidade se orienta, se identifica, se conhece e reconhece é pelo nome do rio. Seu Dilo afirmava que para uma pessoa viver às margens das águas é preciso *aprender todas as manobras dele: as pedras, as marés, a remar*¹⁷. O morador denota um conhecimento local, talvez indecifrável para quem não interagiu com esse contexto, que diz acerca desse ser *criado n'água*, que trata de um mapa do lugar na cabeça e, que diz muito como é fazer comunidade e da construção social pelas pessoas pautada no dia a dia das pessoas.

O mover-se das pessoas e embarcações consubstancia uma dinâmica social, que dependendo do período, verão ou inverno¹⁸, altera a sua rotina. Nesse sentido, o rio e os demais lugares de furos e igarapés, posicionam-se como território e fronteira, devido sua expressão cultural, por constituir-se num espaço dinâmico e de interatividade, em que se processam ricas experiências étnicas, de classe, de valores, de vizinhança, de ciclos de trabalho e de relações sociais. Nos termos de Martins (2014), o rio e a terra movem conflitos e alteridades. À guisa de exemplo, as corridas de embarcações velozes praticadas por jovens, as quais terminam em confusão durante os fins de semana. Ou, ainda, pessoas de fora chegam para pescar gerando conflitos.

De forma simbólica, imagine-se no rio Itacuruçá. Na margem direita, observe as representações delineadas por diferentes habitantes em experiências do viver. Eles, em sua

¹⁶ É o preparo do matapi para a pesca do camarão.

¹⁷ Fragmento de Raimundo Dilo de Couto, 87 anos - *in memoriam*. Um dos moradores mais velhos, fora citado e reconhecido por outros como uma espécie de arquivo vivo da história do lugar e um militante da questão quilombola.

¹⁸ Certamente que as denominações das estações climáticas são produzidas culturalmente, por isso indicar verão e inverno amazônicos em suas peculiaridades. Os quilombolas vivenciam uma mobilidade territorial de acordo com as duas épocas: chuvas intensas e o período de verão. Na primeira, eles ficam mais em casa, caracterizando, grosso modo, pela utilização dos recursos adquiridos durante o período do verão como a lenha e a farinha, assim como diminuem consideravelmente as atividades de agricultura e o processamento da farinha. O verão é de trabalho intenso de colheita do açaí, da produção das olarias, da agricultura, da produção do carvão e da lenha.

maioria, justificam tais representações acionadas pela ideia do ontem e hoje como sendo resultado de suas memórias, como sintetizadas abaixo.

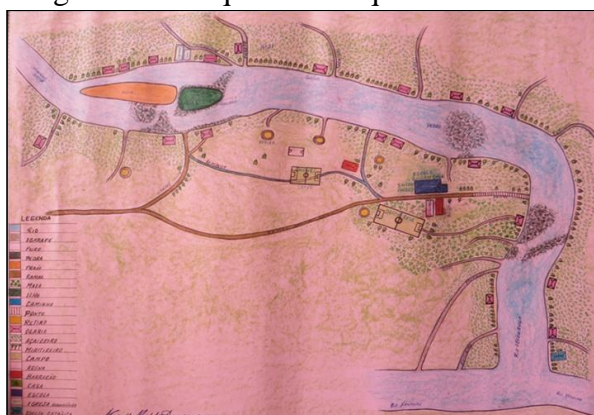
Tabela 01 - O viver no entorno do rio	
Ontem ¹⁹	Hoje
<ul style="list-style-type: none"> • Único acesso • Transporte somente de canoa a remo • Tranquilo, sossegado e útil. Pouca gente • Rio largo e com a mata a vista • Trabalho intenso na lavoura 	<ul style="list-style-type: none"> • Acesso pelo ramal e pelos caminhos • Uso de embarcações motorizadas • Circula muita gente e com vários interesses • Estreito e com o ambiente alterado • Um lugar especial, mas vive-se assustado
Rio produtor	Rio Consumidor

Fonte: Pesquisa de campo, 2016. Inspirado pela síntese de SOUZA, A. F. (2012: 67).

O ontem e o hoje do viver no entorno do rio Baixo Itacuruçá, tomando as informações dos moradores, sugerem algumas reflexões. Houve modificações devido à exploração das matas e da própria terra, alterando a ordem das relações entre pessoas e a da natureza. Mesmo as pessoas assumindo o rio como símbolo, pertença e usufruto, retratam, quase sempre, um passado que foi bom para se viver ali, e de um agora que é regido pela insegurança. O rio participa de tudo, observado por muitos como produtor e, hoje, percebem como consumidor das coisas que são vendidas às suas margens.

A seguir, dispomos o mapa da parte do Baixo Itacuruçá, sendo mais uma forma de representá-lo dentre tantas outras.

Figura 01: Croqui da área que circunscreve o rio.



Arte: Marinaldo Araújo/Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

¹⁹ A distinção ontem e hoje é bastante utilizada pelos moradores, normalmente, para se referirem as mudanças ocorridas no lugar, embora haja diversas maneiras de lidar com o tempo conforme é detalhado na tese, citada anteriormente.

Do outro lado, na margem esquerda, margeia a condição fronteira do rio por mostrar oposições ainda tão arraigadas e vigentes, tais como as que se referem à cidade-campo (rural), à tradição-modernidade, ao conhecimento-saber principalmente quando se trata de comunidade tradicional. Sobre isso, ressoa por parte dos moradores a fala de que ali tudo está mudado e tudo chega. Afirmava um deles: *aqui você não tá mais no sítio, aqui se tá dentro de uma cidade. Tudo que tem na cidade tem aqui. É um lugazinho bom, da casinha da gente e se num tivesse esses homens que gosta de mexer as coisas dos outros*²⁰. Utilizamos esse depoimento para dizer que o fluxo da reprodução social é ditado por processos inacabados, abertos e possíveis de alterações, contrariando as oposições mencionadas.

As duas margens aqui simbolizadas mostram relações sociais nas dimensões econômica, política e cultural vivenciadas a partir do espaço-tempo das águas.

Os rios, os furos e os igarapés, que delimitam e contornam a área da comunidade, possuem diferenças e formas de usos também diferenciados, pois de certa forma existe hierarquia entre eles²¹. O rio é maior, fazendo com que haja um movimento contínuo de embarcações e pessoas, assim como a circulação de informações. A parte do Baixo é a mais larga e por onde se dá o acesso principal, mas sua nascente está no Alto do rio. Na parte do Baixo, as marés permanecem por mais tempo, permitindo o trânsito em toda sua extensão, a exceção é a Ilhinha. Já os furos e os igarapés são mais restritos em uso, devido ao fluxo das águas e, ainda, por possuir um quantitativo pequeno de pessoas que moram lá.

Ocorre que o rio em toda sua extensão, abarca muitos ambientes e foram os próprios moradores locais que dividiram as áreas para se localizarem, conforme discriminado:

Baixo: corresponde a porção do curso do rio com residências, olarias, o centro comunitário e a capela da igreja católica, o ramal Santo André, entre outros. Faz limite com os rios Arapapu, Arapapuzinho e Ipanema; com os furos do Gaita, São Pedro, Filhote,

²⁰ Também, fiz associação com os postulados de Cunha (2009) tratando de oposições e conhecimentos, cuja discussão ocorreu na conferência “Relações e Dissensões de Saberes Tradicionais e Saberes Científicos”, na 59ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, em Belém, 2007.

²¹ Essa ideia de que a hidrografia e a hierarquia tem relação íntima e está relacionada ao poder quanto à dimensão dos usos e das estratégias sociais de sobrevivência encontramos também nos estudos de Rezende (2016), cujas pesquisas ocorreram nos rios do Acre. Detidamente, referimo-nos à tese de doutorado em antropologia social, intitulada “Camponeses da bacia do rio Tejo: economia, política e afeto na Amazônia”, cujo estudo enfatiza o processo de uma economia peculiar em comunidade amazônica, precisamente na Reserva Extrativista do Alto Juruá – Acre.

Filhotinho, Sacaizal, Andreza e Cuteua; com os igarapés: Aricuru, Patauá e Porão. O findo da área é delimitada pela ilhinha e a igreja evangélica. Ainda, a área do Baixo faz limite territorial com o sítio Oiapoque (Arapapauzinho) e com o campo da natureza (área de preservação). Na entrada do rio é que se põe, segundo os próprios moradores da redondeza, a dificuldade de definir uma parte da área: se ribeirinha ou quilombola.

Segundo Castro (1997), o termo ribeirinho na Amazônia serve para designar povos tradicionais que habitam à margem dos rios e que sobrevivem em articulação com os recursos da terra, da mata e dos cursos d'água. “[...] denominados ribeirinhos, na Amazônia, possuem uma referência, na linguagem, as imagens de mata, rios, igarapés e lagos, definindo lugares e tempos de suas vidas na relação com as concepções que construíram sobre a natureza. Os sistemas classificatórios dessas populações fazem prova do patrimônio cultural” (CASTRO, 1997: 226-227). Especialmente, próximo à comunidade pesquisada, há ribeirinhos nessa condição social especificada, como uma parte dos moradores da comunidade vizinha, no rio Ipanema.

Médio: curso do rio com casas nas margens direita e esquerda e olarias de ambos os lados. Os quilombolas delimitam como marco inicial a casa do seu Pinto, próxima ao igarapé São João e o limite fim, a casa do Preto. Lá se encontram a Escola Raimundo Bandeira, a igreja católica e o ramal São João, de onde saem ônibus diariamente até a cidade. O nome da comunidade é o nome do igarapé (São João) e a santa padroeira é Nossa Senhora do Pau Podre.

Alto: inicia no meio do São João e encerra no fim do rio, na cabeceira. Há o ramal da Brasília. Lá se concentram a produção mais intensa da farinha e das roças; a produção de montarias e outras embarcações, além da produção de carvão e de lenha. Nomeiam-na de comunidade Nazaré, nome da santa padroeira. Essa parte é apontada pelos quilombolas como o lugar primário de refúgio dos negros.

Tanto as famílias e os conhecidos que vivem em toda extensão do rio, assim como as comunidades próximas, tanto as da área de terra firme quanto as de várzea, tanto ribeirinhos ou quilombolas correlacionam-se com os recursos naturais, visto que potencializam serviços e produtos, viagens e percursos, sociabilidades e aprendizados.

Ao apurar as informações coletados durante o trabalho de campo, ficou nítida a diversificação das atividades e um complexo intercâmbio de relações sociais e comerciais

entre as comunidades próximas. A exemplo, a comunidade do Arapapuzinho possui comunicação por terra através dos caminhos e dos ramais. Inclusive, o acesso pela terra e pelos rios tem aumentado gradativamente nas comunidades quilombolas e ribeirinhas. As relações se dão nos campos do parentesco, da religião, da convivência entre vizinhos, de parcerias de trabalho, em transações comerciais simples através de produtos como a farinha e o açaí. Também, dão-se por meio das lutas nas instituições: escola e organizações sociais.

A denominação *terra firme*, tal como empregada pelos mais antigos, assume vários sentidos. Na *terra firme*, discriminam de *centro* para a área das roças, para os diversos caminhos e os retiros e de *mata a dentro* para área de floresta, onde concentra-se a rica diversidade de espécies da fauna e da flora. Na *terra firme*, ficam os locais distantes da beira do rio ou *o lá em terra*, como por exemplo, o campo de futebol, o ramal ou os retiros. Nela, além especificar os lugares do agir cotidiano, referem-se, também, ao lugar afastado e que exige cuidado redobrado, devido afirmarem ter o risco com situações e com pessoas estranhas, vindas de fora.

O “povo do campo”, em sua sabedoria, costuma dizer: *nesse lugar criei meus filhos e tiro meu sustento; nessa terra tudo dá, mas muitos não querem mais essa prática*. Esses são fragmentos repetidos por moradores e estão imbuídos de valoração e não somente ao seu uso. As crianças brincam e aprendem as primeiras lições do mundo camponês, elas reconhecem as plantações dos *terreiros* das casas, apanham frutas, circulam nos caminhos entre a vizinhança. Subjaz práticas do comer, do comunicar, do trabalhar, do emprestar/emprestar-se na precisão e é canal e transmissor de saberes. As pessoas não consideram apenas seu aspecto físico, ao contrário, ela a terra, é espaço das muitas práticas sociais do viver. Alguns estudos, como o de Gusmão (1991), apontam que

A terra é um patrimônio comum das comunidades que a tomam como tal em razão de fatores étnicos, da lógica endogâmica, casamento preferencial, regras de sucessão, e outras disposições. A condição de posse comunal e indivisa é o ponto central para sua compreensão. Investida pela história própria, torna-se um território e sobre ele, os grupos negros constroem sua territorialidade (GUSMÃO, 1991: 31).

Ou seja, a terra manifesta-se como campo fértil do processo identitário daquele grupo quilombola e, também de ribeirinhos.

Pela *mata*, processam-se fazeres do tipo: retiram a lenha para produção de carvão; caçam; apanham açaí dos *açaizeiros sem dono*; caminham entre a vizinhança e as localidades próximas, retiram as poucas madeiras existentes.

A *varja* é a área representada por diferentes espaços como a *cabeça da ponte*, a *boca do rio*, a *cabeceira da ponte*, a *beira do rio*, o trapiche, além de situar os furos e os igarapés. Por exemplo, quando dizem: *lá na cabeceira*, estão se referindo à parte do Alto Itacuruçá, ou, ainda, quando dizem: *deixa eu ir na beira, comprar comida*, referem-se à *cabeça da ponte* da casa ou o trapiche da escola.

Na *cabeça das pontes*, nos trapiches, nos caminhos, nos rios, nos retiros, nas roças e nos quintais, as pessoas não só compartilham o espaço físico, como também interagem mutuamente. Nesses espaços partilhados por grupos familiares, os adultos, os jovens e as crianças, através das atividades rotineiras ou de algum entretenimento, utilizam e circulam por eles. Pelas pontes, por exemplo, andam de uma casa para outra; de um local para o outro, vivenciando as trocas, os pedidos, os empréstimos, as informações. Em síntese, vivenciam formas de dar, de receber e de retribuir, de serem solidários uns com os outros (MAUSS, 2013). Outros lugares como as igrejas, as olarias, as tabernas, o barracão e o ramal Santo André promovem outras interações. Decorre que o lugar abarca outros ambientes. Estar na *beirada*, em um caminho, no *campinho* ou numa *vila* de casas, também pode significar estar no Itacuruçá Baixo.

Sobre o quilombola dessa região ribeirinha

No rio Baixo Itacuruçá, embora esteja demarcado como território quilombola²², transitam práticas, sujeitos e comunidades de ribeirinhos e de quilombolas, em modos relacionais peculiares com a natureza e, cujas produções e manifestações dos sujeitos, não se separam, ao contrário, a vida gira em torno da relação com o rio, de cujas águas as famílias se sustentam nas práticas sociais, econômicas e culturais cotidianas que desenvolvem em torno do rio e adjacências. Assim, enredados em suas teias identitárias, os quilombolas se posicionam como uma “comunidade remanescente de quilombo”, formada

²² Vale salientar que a constituição da associação quilombola é uma exigência para o processo de reconhecimento legal de um território e, naquela comunidade, a ARQUIA é a associação local, cumprindo o papel de articuladora no processo de organização das demandas e lutas coletivas.

inicialmente no Alto do rio. Eles se identificam como mulheres e homens pertencentes a ‘comunidades’ que são originárias de outros imaginários e cotidianos entre o Médio e o Alto Itacuruçá, do rio Arapapuzinho. Ou seja, o rio constitui uma fronteira em que situam ribeirinhos e quilombolas.

O rio Itacuruçá localiza-se na área de Ilhas do município de Abaetetuba, abrange uma comunidade constituída por aproximadamente 204 famílias, contabilizando um total aproximado de 960 pessoas entre crianças, jovens e adultos²³. Em 2001, a comunidade foi reconhecida como quilombola pelo governo do Estado do Pará e pela Fundação Cultural Palmares. Ademais, a trajetória de vida dos ancestrais precursores tem dado sentido à produção de subsistência dos moradores, ao modo comunitário e coletivo e as lutas do povo no e pelo território. Ao mesmo tempo, a ideia de Terras de Marinha e de cotidiano das águas, matizam um reconhecimento cujo título quilombola se construiu de fora para dentro, no jogo de relações que ali são estabelecidas. Não é à toa que aquela comunidade delimita-se entre uma unidade territorial e outras. Pelo limite territorial, os interlocutores referem-se a ela, repetidas vezes, como *área quilombola por ter uma divisa que dá o limite da terra*. Um outro olhar lembra a luta frente a questões sociais e econômicas em prol de todos. Também, os sentidos de comunidade associam-se, entre outros aspectos, com o uso dos recursos da mata, o curso d’água e o trânsito nos rios, fazendo com que a própria distinção entre ribeirinhos e quilombolas, dentre vários posicionamentos por parte dos moradores, tornou-se uma questão emblemática, matizada e bastante discutida.

4 Apresentação e discussão dos resultados

Como foi dito anteriormente, a ênfase desse escrito são as práticas sócio produtivas que ocorrem no espaço-tempo das *beiras* e sob o remanso das águas, pontuando a produção quilombola e ribeirinha originária e derivada da triangulação terra-rio-mata. Da terra e da mata, está o açazal (açai), o plantio de quintal com as hortaliças e plantas medicinais, as roças que além da mandioca, cultivam macaxeira, gergelim, arroz, milho, jerimum, cana de açúcar e maxixe; mais as atividades da lavoura, com a produção de carvão e lenha; a caça, embora cada vez mais escassa e, ainda, a produção da farinha nos retiros. Do rio, a pesca e

²³ Dados informados pelas Agentes Comunitárias de Saúde da comunidade, em 28/11/2016.

as várias maneiras de usos dos recursos e das águas. Passamos a explicitar algumas formas de produção e reprodução da vida relacionadas a temporalidade das águas, tornando esse potencial hídrico local imprescindível da existência dos habitantes. De algum modo o viver às *beiras* e sob o remanso das águas condensa um conjunto de procedimentos do agir/pensar/fazer que se relacionam aos saberes locais, à sobrevivência familiar, e às estratégias de reprodução e organização social das famílias e entre vizinhos, especialmente a partir de modelos técnicos tradicionais, os quais passamos a descrevê-los.

a) Formas próprias de percepção e de significação do viver sob o signo das águas, do que chamaremos aqui de uma lógica natureza-cultura.

- existe uma relação direta entre o *tempo da maré* e o agir, ancorada em um saber e experiência que ribeirinhos e quilombolas intitulam de *a gente foi criado n'água*. Assim dizia, uma professora do lugar: [...] *a nossa festa de padroeiro é programada de acordo com a maré, porque se a gente fazer numa maré que dá seca, a gente não vai ter visitante, de outras comunidades, porque, de onde eles vão chegar?* É nítida a imbricação entre a territorialidade do lugar e a temporalidade das águas, já que esse tempo interfere diretamente nas ações que envolvem o trabalho, o brincar, o locomover-se, as tarefas domésticas etc. A enchente, a cheia, a vazante e a seca estabelecem as variações do *tempo da maré*. O certo é que *tudo varia muito*, pois levam em consideração se a maré está cheia ou seca, se o dia está com sol ou chuva, se é período de inverno ou verão. As pessoas orientam-se socialmente através de tempos flexíveis e dinâmicos, em que o agir e o produzir assentam-se, no interior de um tempo amazônico, e de acordo com uma lógica própria. A síntese abaixo aporta algumas atividades que são praticadas sob essa lógica.

Tabela 02 – Principais atividades praticadas conforme o tempo da maré

Atividades/Dinâmica	Prática
Carregamento da mandioca pelo rio	Na enchente e cheia. Prática: ocasional (ano todo).
<i>Pegar o açaí no garapé</i>	Na cheia. Prática: frequente (ano todo)
Pesca na rede*	Na enchente e cheia. Prática: frequente (ano todo), com diminuição da atividade no período do defeso.
Pesca do camarão	No quarto minguante. Maré baixa ou morta. Todo o ano, mas intensificado de março a junho.
O brincar e o banhar	Na enchente e cheia. Prática: frequente (ano todo). Realizam pela manhã e no fim da tarde

O COTIDIANO DAS ÁGUAS NA TRADIÇÃO QUILOMBOLA DA COMUNIDADE DO RIO BAIXO ITACURUÇÁ- ABAETETUBA, PA

Entrada e saída do barreiro ²⁴	Na enchente e cheia. Prática: frequente (ano todo). Atuam prioritariamente na dependência do encher e secar das marés (águas grandes/lançante), sendo mais intensa no verão.
Comercialização no rio (compra e venda). Produtos: telhas, tijolos, gêneros alimentícios, açaí.	Na enchente, cheia, seca e vazante. Prática: frequente (ano todo). Envolve moradores, marreteiros (atravessadores).

* Identificação de alguns peixes: pescada, ituí, mandubá, sarda, bacú.

** Período de águas grandes, março e abril. Fonte: Pesquisa de campo, 2016.

b) Orientações de conduta social, sobretudo no contexto de práticas patrimoniais produtivas e de subsistência, como sistemas socioculturais de uma ética que envolve a terra-rio-mata e, também, situa a dinâmica e travessia *beira rio*.

- a organização da vida cotidiana se orienta em grande parte e rotineiramente com o atravessando por rios, furos e igarapés. E, nesse ciclo de águas, são exemplos a prática da *gapuia* ou de *gapuiar*²⁵, a extração de cipós, folhagens, fibras do miriti e de outras árvores; a travessia até a *beira*; o *iscar* e a *marretagem*²⁶ de produtos à *beira* nas pontes das casas; a *apanhação* do açaí; o transporte de pessoas e/ou produtos pelos cursos d'água. São situações muito simples, algumas delas, mas demonstram que bem mais do que moradores de cidades, os quilombolas/ribeirinhos têm até mesmo as atividades mais cotidianas reguladas em boa medida por fatores estritamente naturais. O depoimento, a seguir, elucida a afirmativa:

Olha, o açaí a gente não pega, porque ele é planta nativa. Quando ele já crescido fazemos o remanejo, limpando as árvores. A pessoa apanha e leva pra cidade para vender em Abaetetuba ou então o marreteiro compra no porto por um preço X. Este dinheiro é empregado pra alimentação e quem, por exemplo, têm olaria também, pode ter as duas coisas: açaizal e olaria. Agora a farinha, o dono do açaizal também pode ter a roça. Ele tem o açaizal na várzea e tem a roça na terra firme, como acontece comigo. Não sou grande produtor de açaí, produzo pouco, só pra alimentação, mas tenho o açaizal e a roça (Lucindo Rodrigues, entrevista, 06/2013).

²⁴ Nome dado ao local onde tiram barro para as olarias.

²⁵ *Mocooca*: espécie de *tapage* feita com pedaços de pau e barro para evitar que o camarão e o peixe escapem no momento da *gapuia*. Logo, *gapuiar*, é um tipo de pesca no igarapé ou furo. Significa retirar a água de poços que se formam nos igarapés (olho d'água) durante a maré seca, para, deles, apanhar o peixe e/ou o camarão aprisionados (grifos meus).

²⁶ *Marretagem* – processo de compra e venda de produtos oriundas dos contextos, rural e urbano, presente no cotidiano da *beira* da cidade e das comunidades que localizam-se nas ilhas e, cujos marreteiros realizam a comercialização em suas embarcações, trazendo à memória os conhecidos “regatões” dos rios na Amazônia.

Esse atravessamento e produção com o qual os grupos (ribeirinhos e de quilombolas) se relacionam e também estão relacionados com as águas situa o movimento social, econômico e cultural entre duas dimensões de um mesmo território: os mundos das ilhas/das águas e o urbano. Não é à toa a fala de alguns moradores locais: *é o povo das ilhas que movimenta o comércio da cidade*. E, ainda, nos incitam a

[...] entender as novas dinâmicas urbanas que emergem na Amazônia. As estruturas de municípios ou localidades alteram-se com movimentos de fragmentação sócio territoriais, mas ao mesmo tempo incorporam demandas de serviços tradicionalmente urbanas, embora se mantendo estruturas agrárias e modos de trabalho e de vida. O campo do urbano complexifica-se, mas com particularidades que dizem respeito também ao território marcado pela presença da floresta, das águas e de seus recursos naturais (RELATÓRIO PROJETO MEGAM/UFGA, 2004: 35).

O mundo das águas de ribeirinhos e quilombolas movimenta a *urbis* e a *urbis* se oxigena da *amazôniágua* das ilhas e, ambas produzem-se mutuamente. De outro modo, nessas comunidades de Abaetetuba, o rural-ribeirinho-quilombola integra-se ao espaço-tempo da *urbis* e vice-versa, constituindo uma simbiose no existir sociocultural da cidade. Suas identidades trazem vínculos com suas margens (*varja*, rios e águas), em razão do vasto conhecimento da várzea, do rio e da mata; ao mesmo tempo, emanam dimensões simbólicas e valorativas que dão identidade de povo, de modo particular e de comunidade.

c) Padrões culturais de socialização com a natureza, do mítico e da preocupação com o ambiente. O trabalho das e nessas comunidades tem por base a natureza, a qual encontra-se sensivelmente comprometida pela poluição dos rios e pelas queimadas. As agressões sofridas pela natureza afetam a sobrevivência local, a exemplo, a escassez de peixes, forçando os moradores a buscarem outras atividades e outros locais para comprar e vender seus produtos.

A água é geradora de vida, é fonte de energia, causadora do bem estar, ou não. O certo é que sem ela não há vida, e nesse lugar ela está presente em muitas situações do cotidiano como já fora mencionado. No entanto, há uma advertência a ser feita: no mundo aquático que cerca os ribeirinhos e quilombolas da Amazônia, ela encontra-se poluída e, *hoje, a gente está sendo obrigado a ir buscar a água da terra firme pra abastecer o consumo* (Lucindo Rodrigues, 2013), pois a água do rio, tradicional e sustentavelmente utilizada, tem sido veículo transmissor de doenças.

O COTIDIANO DAS ÁGUAS NA TRADIÇÃO QUILOMBOLA DA COMUNIDADE DO RIO BAIXO ITACURUÇÁ- ABAETETUBA, PA

A seguir, trazemos algumas imagens que mostram a concreta relação e a importância da natureza e, pontualmente da água, com a atividade laboral da população local. Imagens de um tempo histórico social e econômico presente, sujeito a mudanças, posto não ser a vida estática, mas que não deve ser prejudicada/alterada pela insensatez sob pena de desequilibrar o próprio movimento sustentável de homens e mulheres.

Fotos 02, 03 e 04. Colheita do açaí, retorno do barreiro e a pesca do matapi.



Fonte: POJO, 2016.

E, parte integrante da sociodiversidade, encontra-se uma rica arena mítica cabocla, traduzida, por vezes, no culto pelo encantado (*causos*, assombrações e mitos), ao que encanta (manifestações e paisagens) e ao encantamento (acolhimento aos que chegam)²⁷. Essa visão mítica, da pajelança e do simbólico, é uma particularidade das populações tradicionais amazônicas cunhada por suas ‘lendas’, ‘crendices’, ‘superstições’: simbologias da ação concreta dos sujeitos (MAUÉS, 1999).

Também, estão presentes nessa arena mítica cabocla, a antiga tradição de contar histórias e da transmissão oral. Assim, as pessoas do lugar sugerem diferentes visões de mundo permeadas por mitos, lendas, religiosidade que povoam o imaginário e o simbolismo dos sujeitos e, no caso “[...] do fundo do rio emergirá uma nova Abaetetuba, sem dor e sofrimento, cheia de paz, amor e prosperidade [...]” (MACHADO, 2008: 67).

A água está presente na formação da identidade nativa. A afinidade, empatia e interação de quilombolas e de ribeirinhos com o rio-mar começa cedo, com as crianças aprendendo a se equilibrar no trapiche de suas casas, a brincar dentro da canoa, a tomar

²⁷ Para o aprofundamento do tema e correlatos a obra de Loureiro (2015): “Cultura Amazônica: uma poética do imaginário”. Nela, o autor enfatiza a existência de uma cultura amazônica construída entre os elementos mágicos, místicos e da natureza afirmando a partir disso que os diferentes povos amazônicos possuem uma cultura que se apresenta de forma diferenciada das outras regiões que compõem o Brasil.

banho diário no rio e/ou na chuva, a lidar com a enchente e a vazante das marés, com o friozinho que vem lá do rio entrando pelas frestas das paredes das casas. As imagens expressam bem a imbricação da água na constituição formativa das crianças, no seu saber, no seu lazer, na sua relação com a natureza porque estabelecem, precocemente, uma intimidade com rio-mar.

Fotos 05 e 06. Crianças brincando com a maré seca e tomando banho no rio Baixo Itacuruçá-Abaetetuba.



Fonte: POJO, 2015.

As crianças aprendem a sinergia do que dizem: *a gente foi criado n'água*, pois as águas e o rio animam o brincar. Constantemente, a canoa ou a rabeta transforma-se em brinquedo que serve para balançar, para passear ou para disputar corridas. As crianças conversam sentadas nas pontes que unem as casas. Durante o banho no rio, elas conversam, riem, brincam. Observando o cotidiano delas, em certa medida podemos afirmar que o tempo e o tipo da maré, o tempo do brincar, a proximidade ou distância da *cabeceira da ponte*, o desafio do contato do corpo n'água é que determinam o início e o término de uma ou mais brincadeiras, um jogo. Tais sensações demonstram que as brincadeiras realizadas pelas crianças também traduzem uma cultura camponesa-ribeirinha-quilombola, pois as brincadeiras vividas por crianças e adolescentes se diferenciam das brincadeiras comuns de uma cidade urbana, principalmente pelo contexto e pelas regras. Os lugares-territórios atravessam e que são atravessados por saberes e fazeres, vão tecendo o ser criança quilombola/ribeirinha. Nessa perspectiva Pojo (2017) considera que

O rio é a rua. O quintal, a mata, os caminhos, as pontes e as águas são espaços de interlocução nas vivências de uma geração que ainda brinca de nadar no rio, de subir na árvore, de pular da ponte no rio, [...]. E pelo

O COTIDIANO DAS ÁGUAS NA TRADIÇÃO QUILOMBOLA DA COMUNIDADE DO RIO BAIXO ITACURUÇÁ- ABAETETUBA, PA

brincar, traduzem, afirmam e recriam formas culturais por meio da linguagem, aliás, expressam pela oralidade todo o conhecimento e sabedoria que aprendem desde cedo no cotidiano beira rio (POJO, 2017: 143).

Assim, a identidade nativa se constitui no movimento da vida, na experiência dos primeiros banhos no rio, comendo peixe, açaí, farinha, aprendendo a remar, a se movimentar pelas águas, a conhecer a mata e sua importância, sua magia, seus encantos e desencantos, sendo ou não um ribeirão/quilombola, com um olhar que atravessa as águas que conhece muito bem, um pertencimento mútuo e com a curiosidade de conhecer outros rios-mares.

Assim, o cotidiano dessas comunidades sedimenta uma rica diversidade cultural. E, as pessoas possuem uma observação acurada sobre as mudanças do rio-mar e da natureza em geral; dominam a localização geográfica das ilhas; são perceptíveis e sensíveis às mudanças climáticas e sociais que vem ocorrendo no lugar e no mundo; vinculam às águas às situações de assombrações e símbolos que polarizam a vida e a morte, a alegria e a dor, o real e o mágico, que preservam uma relação com os saberes próprios de quem vive na região amazônica.

5 Considerações finais

O cotidiano de águas é parte constitutiva e imprescindível na construção do gênero de vida do sujeito rural-ribeirão-quilombola na região tocantina, de modo geral. A água possui usos diversificados, conformam situações de conflitos e de alteridades, manifesta-se como um signo cultural e funciona como a ‘rua’ no trânsito de pessoas e embarcações. Dessa forma, espriada na linguagem cabocla, por costumes e crendices, por saberes e sociabilidades, por dimensões simbólicas de trocas e ações comunitárias de grupo camponês entre outras formas da prática social, a tradição local e quilombola é produzida e vivificada pelo verter das águas, reinventa-se no regime *amazoniágua*, que com suas enchentes e vazantes faz pulsar a vida social, a economia local e o ciclo produtivo.

No caso, as relações estabelecidas com os *saberes das águas* e com todo um conjunto de outros saberes, remete ao que nos ensinou Lévi-Strauss (1976) em suas formulações acerca de uma ciência primeira, próxima de uma lógica do sensível, porque

tomando a lógica dos interlocutores da pesquisa, criam-se e se recriam possibilidades em sintonia com os recursos²⁸, ou seja, há uma atitude prospectiva de reinvenção dos conteúdos culturais existentes no lugar, exemplos são o matapi feito de garrafa pet, o maquinário das olarias, o catitu²⁹; consequência de uma curiosidade que os move e que os coloca na condição de “atravessados” à natureza, ao mesmo tempo que seus valores do conviver, suas tradições e suas simbologias amazônicas convertem-se em processos educativos no ordinário da vida.

Nesse sentido, ousamos afirmar que o processo educativo e a cultura se expressa de muitas outras formas e de muitos jeitos, tendo o rio em sua gênese. A fala de uma professora, quilombola do rio Arapapuzinho, de que *o rio nos identifica* evidencia a existência de inter-relações e realidades do município e da comunidade do rio Itacuruçá. Uma delas é a de um contexto rural (de ribeirinhos, de quilombolas, de agricultores e de lavradores), por meio do qual, como produtores de bens materiais e imateriais, eles nutrem a vida e, ao mesmo tempo, ratificam valores. Os quilombolas/ribeirinhos, nos diferentes lugares e com suas culturas, são produtores e disseminadores de alguns, entre os muitos, simbolismos amazônicos. Os povos encontram-se sedimentados em relações diversas com o ‘mundo das águas’, sendo importante e integrante do seu território ancestral.

Tais saberes e costumes ancestrais confirmam, ainda, um modo de viver diferenciado fazendo frente a essa sociedade demarcada pela visão de homem-objeto onde presenciamos experiências de cooperação entre familiares, interação da vizinhança, convívio com a natureza, sob o qual esses sujeitos mantêm consigo valores, costumes, identidades e culturas singulares. Em síntese, tal interação humano-águas num cotidiano que se faz e se refaz denota uma singularidade rural-ribeirinha-quilombola, de significativa valorização dos sujeitos do campo como espaço de vida, de cultura e de trabalho. E, esse conjunto de *saberes das águas* sinalizam ou ratificam uma importante produção cultural viva que muito pode contribuir com reflexões sobre a nossa condição planetária, de respeito e valorização da pessoa humana; bem como podem ser o ponto de partida e de chegada para pensarmos outras formas de pedagogia escolar em comunidades rurais da Amazônia paraense.

²⁸ Neste aspecto, faz sentido como acontece o “habitar-brincando” das crianças, em que a natureza é percebida como espaço e instrumento. Para uma delas: *na canoa se brinca de remar*. Abordo isto no capítulo V.

²⁹ Espécie de ralador manual que serve para trituração das raízes.

O COTIDIANO DAS ÁGUAS NA TRADIÇÃO QUILOMBOLA DA COMUNIDADE DO RIO BAIXO ITACURUÇÁ- ABAETETUBA, PA

Consideramos esse escrito uma síntese incompleta e provisória, que muito se tem a percorrer para aprofundar e completar, pois a reflexão acerca dos ‘saberes das águas’ e sua problematização engendra diferentes dimensões. As dimensões aqui explicitadas enfatizam o movimento dos saberes construídos por ‘povos das águas’ e suas relações sócio produtivas. Nesta, o cotidiano da vida e do trabalho é atravessado pela temporalidade das águas marcando entre tantas outras coisas, uma intensa interação com o tempo das marés, com o curso d’água e com a circularidade dos saberes.

Referências

- DIEGUES, Antônio Carlos. *Ilhas e Mares Simbolismo e Imaginário*. São Paulo: Hucitec, 1998.
- _____. *Água e cultura nas populações tradicionais brasileiras*. São Paulo, I Encontro Internacional Governança da Água, novembro 2007. Disponível em: <http://nupaub.fflch.usp.br>. Acesso em 30 de Jun. de 2018.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Retratos de rostos de gente de rio e beira-rio. In: BORGES, Maristela Corrêa; LEAL, Alessandra Fonseca. (Org.). *Etnocartografias do Rio São Francisco: comunidades tradicionais ribeirinhas no Norte de Minas Gerais*. Uberlândia: EDUFU, 2013. p.207-248.
- CASTRO, Edna. Território, biodiversidade e saberes de populações tradicionais. In: CASTRO, E.; PINTON, F. (Org.). *Faces do trópico úmido: conceitos e novas questões sobre desenvolvimento e meio ambiente*. Belém: CEJUP; UFPA-NAEA, 1997. p. 221-242.
- CUNHA, M. C. da. Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico. In: CUNHA, M. C. da. *Cultura com aspas*. São Paulo: Cosac Naify, 2009, p. 301-310.
- CUNHA, L. H. de O. *Significados múltiplos das águas*. IN: DIEGUES, A. C. (org) A imagem das águas. São Paulo: HUCITEC, 2000.
- GEERTZ, Clifford. *Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura*. In: A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989. p.03-21.
- GUSMÃO, N. M. M. de. A questão política das chamadas “Terras de Preto”. In: LEITE, Ilka Boaventura. *Terras e territórios de negros no Brasil*. Textos e Debates. Florianópolis, NUERIUFS, ano 1, n.2, 1991. p.25-37.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *O Pensamento selvagem*. Tradução de Maria Celeste da Costa e Souza e Almir de Oliveira Aguiar. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.
- MACHADO, J. *Nosso Folclore: panorama do folclore amazônico*. Abaetetuba: Alquimia, 2008.
- _____. *Glossário abaeteense: palavras e expressões do linguajar regional*. Abaetetuba: Alquimia, 2005.

MARTINS, José de Souza. *Fronteira: a degradação do Outro nos confins do humano*. 2ªed. São Paulo: Ed. Contexto, 2014.

MAUSS, M. 2003. *Ensaio sobre a Dádiva: Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas*. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2013. p.07-33.

MAUÉS, R. H. *Uma Outra “Invenção” da Amazônia: religiões, histórias, identidades*. Belém: CEJUP, 1999.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE/MMA. *Avaliação e identificação de áreas e ações prioritárias para a conservação, utilização sustentável e repartição dos benefícios da biodiversidade nos biomas brasileiros*. Brasília: MMA/SBF, 2002.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de; MOTA NETO, João Colares da. Saberes da terra, da mata e das águas, saberes culturais e educação. In.: OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. *Cartografias Ribeirinhas: Saberes e representações sobre práticas sociais cotidianas de alfabetizando amazônidas*. Belém: CCSE-UEPA, 2004.

POJO, E. C. *Gapuiar de saberes e de processos educativos e identitários na comunidade do Rio Baixo Itacuruçá, Abaetetuba – PA*. Doutorado em Ciências Sociais. Campinas: IFCH/UNICAMP, 2017. 243f.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SOUZA, A. F. *Ciclos de vida nos lugares das águas: as ilhas do rio São Francisco em Pirapora/MG*. In: OLIVEIRA, C.L.de; COSTA, J.B. de A. (org.) *Cerrado, Gerais, Sertão: comunidades tradicionais nos sertões roseanos*. São Paulo: Intermeios; Belo Horizonte: FAMING; Montes Claros: Unimontes, 2012. p.63-75.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ/UFPA. *Estudo das mudanças socioambientais no estuário amazônico. Relatório Projeto MEGAM*. Belém: NAEA, 2004.

Recebido em: 10 de setembro de 2018

Aceito em: 13 de dezembro de 2018